
(COM)PARTILHANDO O SENTIDO DE SER PESQUISADOR-INICIANTE NO CURSO DE PEDAGOGIA ¹

Geida Maria Cavalcanti de Sousa
Professora da Universidade de Pernambuco
Faculdade de Formação de Professores de Petrolina

RESUMO

Este estudo propõe-se a descrever as situações vividas na sala de aula, revelando modos de ser pesquisador-iniciante, durante o ensino-aprendizagem da disciplina Orientação Monográfica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores de Petrolina, da Universidade de Pernambuco, em 2003. Inspirado na psicologia humanista e numa perspectiva fenomenológica, esse envolveu estudantes, apresentando experiências, vivências, dados coletados, principalmente, através da observação participante, diário de campo e depoimentos escritos. A Abordagem Centrada na Pessoa desencadeia um processo de mudanças internas e externas, levando o pesquisador-iniciante a se perceber enquanto pessoa, investindo na construção e reconstrução de novos saberes, tendo a pesquisa como suporte necessário à formação do professor. Ser pesquisador é conviver com angústias, dores, desejos, sonhos, possibilidades e limites, num processo em que a dimensão afetiva não pode ser negada.

Palavras-chave: pesquisador-iniciante, pedagogia, psicologia humanista, perspectiva fenomenológica.

ABSTRACT

This study discusses classroom situations which provide insight into the experience of being a novice researcher undertaking a course in Report Writing, as part of a degree course in Education in the Teacher Training Faculty in the city of Petrolina, in 2003. This faculty is part of the University of Pernambuco. Based on humanistic psychology and adopting a phenomenological approach, the study made use of written accounts from students of their experiences. Data were also gathered through participative observation, making use of a field diary. The Person Centred Approach elicits a process of internal and external changes, leading the novice researcher to perceive himself or herself as a person who is investing in the acquisition of new knowledge, considering research to be a necessary part of the process of becoming a teacher. The role of researcher involves dealing with anguish, pains, desires, dreams, possibilities and limits, as part of a process within which the affective dimension.

Keywords: novice researcher, education, humanistic psychology, phenomenological approach.

INTRODUÇÃO

Entrego a você, leitor, as chaves para entrar nas páginas deste artigo, a fim de que, dialogando juntos, possamos compartilhar experiências e vivências. Busquei identificar o sentido de ser pesquisador-iniciante, a partir da formação do profissional de educação, desvelado pelos estudantes, observando situações que apontaram o olhar do estudante para o ser pesquisador, no contexto afetivo do grupo. Além disso, observei os elementos influenciadores desse experienciar, considerando a relação pesquisador/professor, refletindo, também, o meu sentido de ser pesquisador, como professor que objetiva contribuir na formação de pesquisadores em educação.

Justifico a escolha pelo uso da primeira

pessoa do discurso, por ser essa a que melhor expressa sonhos, emoções, motivações e sentimentos. Efetuei a ligação da pesquisa aos meus desejos, esperanças e interesses pessoais, únicos dentro de mim; à minha relação profunda com a vida, uma vez que, em nenhum momento, posso me separar da minha inspiração, pois sou pessoa/professora, partes inseparáveis. A minha vivência com os alunos foi abstraída e transmitida num processo de individuação, no meu aprendizado de ser. Permita-me, leitor, que expresse meu pensamento, atribuindo às palavras o poder de externar o que habita no meu universo.

Sendo docente da Universidade, coloquei sob questionamento a minha prática - o meu exercício profissional. Por meio do processo de pesquisa, do contato pedagógico e do

-
- Recebido: junho de 2004
 - Aceito: junho de 2004

¹ Artigo baseado na Dissertação de Mestrado em Educação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo, sob a orientação do Professor Doutor Jaime Roy Dóxeey.

Linguagens, Educação e Sociedade	Teresina	n. 10	20 - 26	jan./jun. 2004
----------------------------------	----------	-------	---------	----------------

questionamento reconstrutivo, atinge-se a possibilidade de evolução teórica e prática. Foi meu desejo buscar novas atitudes, para melhorar o meu posicionamento frente aos alunos, ofertando-lhes o poder de descobrir, na perspectiva de facilitar aprendizagens. Assim, a pergunta, a seguir, norteou essa investigação: O que é e como é ser pesquisador-iniciante para os estudantes da disciplina Orientação Monográfica do VIII período do curso de Pedagogia, da Faculdade de Formação de Professores de Petrolina – PE?

TRILHAS PERCORRIDAS

Contemplei uma pesquisa de abordagem qualitativa, cujo foco de atenção foi o sentido que as pessoas deram às coisas e à sua vida. As técnicas de coleta de dados caminharam para o entendimento da natureza de um fenômeno social, tendo o ambiente natural como a sua fonte direta, através de meu contato prolongado com a situação cotidiana, descrevendo processos dinâmicos, vividos em sala de aula.

O estudo foi desenvolvido tendo 60 estudantes (28 no I semestre e 32, no II) da disciplina Orientação Monográfica como pessoas da pesquisa, do Curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Pedagogia de Petrolina - FFPP-UPE, em 2003. A escolha do referido curso caracteriza-se por ser a área de minha identificação para estudo e de minha atuação profissional, sendo esse o único que oferece a citada disciplina.

A trajetória que percorri contemplou a observação participante de aulas da referida disciplina, tendo em vista as situações que retrataram o olhar do estudante (ser pesquisador); o uso de dinâmicas de grupo para facilitar a expressão de pensamentos, sentimentos e opiniões; mantendo-me atenta ao que é e como é ser pesquisador-iniciante para os estudantes; o registro do sentido de ser pesquisador para o professor que objetiva contribuir na formação de pesquisadores-iniciantes em educação e de depoimentos escritos dos alunos (foram transcritos conforme o original, usando letras para identificá-los).

A análise dos dados foi baseada em Forghieri (1993), e, a partir dos dados descritivos, captei o geral para apreensão dos sentidos, detectando as unidades de significado. Após alcançar a estrutura do fenômeno, realizei a interpretação-generalização das categorias abertas, concretizadas nas reflexões que se- guem.

A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA/FENOMENOLOGIA

Buscando apoio nos estudos de Carl Rogers (1975, 1981, 1983), sinalizei, assim, a minha opção para repensar o ensino-aprendizagem do curso de Pedagogia. Apesar de possuir uma prática mesclada de concepções diversas, sinto a necessidade de figurar o afeto e a emoção na sala de aula como fundamental nesse processo, buscando tentativas grupais, além de uma necessidade de renovar e considerar a concepção de como deve ser transmitido ou criado o conhecimento, a pessoa que aprende, a razão do aprender e o que se busca, construindo meios para acompanhar o desenvolvimento do ser humano.

A Abordagem Centrada na Pessoa integra três pressupostos de base: uma concepção de homem pautada nos princípios da corrente humanista da Psicologia, o homem como ser digno de confiança; uma abordagem fenomenológica que privilegia a experiência subjetiva da pessoa; um encontro entre pessoas como forma de entrar em relação (ROGERS, 1975). É nessa perspectiva humanista que focalizo o “ser”. Caracteriza-se como uma teoria das relações humanas, uma vez que “a pessoa se constitui a partir da relação com o outro” (ARRIVABENI; ALMEIDA; AGUIAR, 2002, p.130).

Rogers (Ibid) designou condições facilitadoras: Tendência Atualizante (o ser humano possui capacidade inata que o impulsiona para freqüente tentativa de progredir); Não Diretividade (acredita na autonomia e nas capacidades de uma pessoa, no seu direito de realizar escolhas e responsabilidade por essas); Aceitação Positiva Incondicional (refere-se à aceitação incondicional da pessoa por parte da

outra, tal como ela é); Compreensão Empática (capacidade de se colocar verdadeiramente no lugar do outro, vendo o mundo como ele o vê, sem julgamentos, entendendo o outro) e Congruência (capacidade de aceitar os sentimentos, as atitudes, as experiências, de ser genuíno e integrado na relação com o outro). Se essas condições estiverem presentes na relação, a pessoa entra num processo de aceitação de si própria e dos seus sentimentos, tornando-se mais capaz de aceitar os outros. O respeito, a confiança, a aceitação, a autenticidade, a tolerância sintetizam uma relação fundamentada nas atitudes descritas.

A realidade constituiu-se da minha representação de mundo, privilegiando o ponto de vista do estudante, como pessoa de sua própria experiência, tendo como eixo norteador a ACA: “A Abordagem Centrada no Aluno produz transformações psicopedagógicas (afetivas e emocionais) na pessoa do aluno, no relacionamento grupal e no vínculo aluno-professor” (ROSEMBERG, 1987, p. 106). Ela focaliza um relacionamento aberto entre os participantes na experiência pedagógica, buscando uma aprendizagem significativa. Guedes (1981, apud DOXSEY, 1987, p.110) aponta a aprendizagem significativa como um processo: “A pessoa inteira – cognitiva, social e afetivamente – participa e se empenha de forma auto-iniciada e consciente na busca dos significados e das experiências que condizem com seus objetivos”.

Após ler trabalhos na perspectiva fenomenológica, senti-me tocada, pois os estudos das experiências me marcaram, possibilitaram-me mudanças internas. Vislumbrei uma pesquisa para descobrir e não para confirmar ou quantificar coisas, preocupando-me com a minha transformação, revendo a maneira de me colocar frente às situações. Assim, esse projeto foi desenvolvido a partir do pensar fenomenológico (BICUDO, 2000; FORGHIERI, 1993; AMATUZI, 1989), colocando o conhecimento e a verdade em sua relatividade, uma vez que não há um único modo de compreender a realidade.

A perspectiva fenomenológica aponta para descrever fenômenos e não explicá-los, voltando-se àquilo que quero compreender,

sobre o que interrogo e como o percebo. Nela, há a abertura para ver, ouvir, sem me aprisionar num saber definitivo, explicativo e controlador. As coisas precisam aparecer para o olhar das pessoas, trazendo o referencial de significados do mundo, descobertos pelo indivíduo que traz e realiza história. As pessoas são iguais enquanto humanas e diferentes porque não existe nenhum ser humano igual ao outro, sendo fundamental a expressão da experiência individual de cada um.

Os dados são, pois, as situações vividas pelos sujeitos que são tematizadas por eles, conscientemente nas descrições que faz. Ao descrevê-las, espera-se que os sujeitos simplesmente relatem de modo preciso o que ocorre com eles ao viver suas experiências (FINI, 1994, p.28).

Assim, pressupôs-se meu envolvimento pessoal no mundo-vida desses sujeitos. Experiência, nesse contexto, não significa algo acumulativo, que se adquire e se soma ao longo do tempo, mas o sentido de vivenciar e de experimentar algo num dado momento. Ela acontece contextualizada com uma história, sendo a ação conjunta de tudo que alguém é num determinado momento. Experimenta-se ser pesquisador na vivência, atuando na relação com o outro, aluno, professores, coordenador, diretor, pais, etc. Quando se é pesquisador, continua sendo os outros “eus” possíveis, articulados às outras experiências, através de trocas criativas. As outras possibilidades enriquecem a condição de ser pesquisador.

SER PESQUISADOR NA GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

A pesquisa como “princípio educativo e científico faz parte integrante de todo processo emancipatório, no qual se constrói o sujeito histórico auto-suficiente, crítico e autocrítico, participante, capaz de reagir contra a situação de objeto e de não cultivar os outros como objeto” (DEMO, 1991, p. 42). Dessa forma, a pesquisa exige criatividade, interno diálogo com a realidade, disciplina e compromisso histórico-produtivo. Desmitifica o conceito de pesquisa, admitindo considerar pesquisador,

também, quem tem apenas graduação, pois, se bem compreendida, a pesquisa é possível e necessária desde a educação infantil. Compreende, ainda, a pesquisa como diálogo, no sentido de produzir conhecimento do outro para si e de si para o outro, sendo

[...] processo cotidiano, integrante ao ritmo da vida, produto e motivo de interesses sociais em confronto, base da aprendizagem que não se restrinja a mera reprodução; na acepção mais simples, pode significar conhecer, saber, informar-se para sobreviver, para enfrentar a vida de modo consciente (Ibid., p. 42).

No diálogo com a realidade, a pesquisa se situa como princípio científico e educativo. O ser que dialoga com a realidade, de modo crítico e criativo, faz da pesquisa condição de vida, progresso e cidadania.

Demo (1994, apud Lüdke, 2002) distingue cinco níveis de pesquisa: (I) de Interpretação Reprodutiva (sistematização e reprodução de um texto com fidedignidade); (II) de Interpretação Própria (interpretação pessoal do que os outros já disseram); (III) de Reconstrução (parte da construção vigente e refaz uma proposta própria – Mestrado e Doutorado); (IV) de Construção (toma como referência o que existe, na procura de caminhos novos); (V) da Criação/Descoberta (introdutores de novos paradigmas metodológicos, teóricos ou práticos).

Reafirmo o posicionamento de Esteban e Zaccur (2002), quando dizem que “pesquisar pode se dar a partir de um questionamento, de uma pergunta, de uma idéia fixa, articuladora de um processo empírico-teórico de uma investigação” (p.15). Isso não significa descartar a necessidade do aprofundamento teórico, mas dar a esse aprofundamento o sentido de busca de respostas, que sugerem novas perguntas num movimento dinâmico, instigando um diálogo recíproco entre o pesquisador acadêmico e o professor-pesquisador, com avanços significativos para todos os atores envolvidos.

Essa perspectiva abre a possibilidade de resgatar o “fazer pensando”, evitando o papel do executor do pensado por outro, descortinando maiores e melhores aproxima-

ções do objeto investigado, através do desvelamento de novos ângulos de uma realidade multifacetada, devolvendo ao aluno, a posição de sujeito ativo no processo de construção do conhecimento.

REFLEXÕES SOBRE O APRENDER A SER PESQUISADOR

Nessas reflexões, passo a construir as categorias de análise, exemplificando-as com os depoimentos das estudantes.

Compreendendo a pesquisa na relação entre o ensinar e o aprender, como professora da disciplina Orientação Monográfica, sinto em cada aluna uma necessidade de falar, de ser ouvido, de expressar suas angústias, preocupações, ansiedades, medos, alegrias e inseguranças. Passo, também, por tudo isso na minha experiência como pesquisadora. Elas aguardam(vam) a formatura que se aproxima(va) e a entrega da monografia, momentos percebidos, nas suas expressões, permeados de emoções e sensações inevitáveis. São muitas as dúvidas e incertezas: O medo de não darem conta da monografia e de persistirem, além da preocupação com o tempo para leituras, estudos, produção textual e entrega da monografia:

Hoje, dia sete de abril de dois mil e três, estou me sentindo um pouco triste, principalmente porque não tenho tempo para fazer as leituras que preciso para a Monografia que estou produzindo. Meu trabalho é muito cansativo e toma boa parte do meu tempo. Às vezes bate uma angústia muito grande em mim (ALUNA S).

Cada vez mais, sentia-me e percebia as alunas mais espontâneas ao falarem das suas subjetividades. A angústia, a ansiedade em ver o trabalho pronto, no caso a monografia, conduziram-me a uma postura empática, além da relação trabalho -família como elementos interferentes na produção monográfica, naturais a um ser que é pessoa.

Ser Pesquisador-Iniciante

Nos depoimentos das alunas do Curso de

Pedagogia da FFPP, reflexões transportaram-me para um novo mundo do aprender a “ser pesquisador” (ver Figura 1). As descrições do que é tornar-se pesquisador-iniciante permitiram-me uma organização dessas em cinco categorias, sendo a primeira investigar um problema, buscando respostas, aprofundando-se. O depoimento a seguir ilustra essa preocupação: “(ser pesquisador) É estar em constante busca de respostas a questões impostas. Todo ser humano tem a natureza pesquisadora, porém alguns são mais inquietos – não se satisfazem com qualquer resposta – e se sentem mais estimulados a se aprofundar em suas pesquisas” (ALUNA P).

A segunda categoria caracteriza-se pelo sentir interesse e prazer pela pesquisa, expressando que ser pesquisador é ter vontade de estudar e de descobrir, como registrou a aluna: “Entendo ser pesquisador uma pessoa que goste de descobrir e redescobrir e tenha tempo disponível para buscar informações a respeito do objeto de estudo ... (ALUNA I).

Ser investigador constante da realidade dinâmica, buscando o crescimento epistêmico constitui a terceira categoria, argumentada na fala que segue: “É estar em sintonia com um mundo dinâmico de informações num processo constante de busca e investigação procurando ampliar os conhecimentos e desvendar outros implícitos. Pesquisar é refletir o mundo, a sociedade, e você” (ALUNA F).

Ser o próprio instrumento de pesquisa, com embasamento teórico marca a quarta categoria. A aluna coloca pesquisar como refletir sobre si própria: “Ser pesquisador é ser o próprio instrumento dentro da pesquisa, envolvendo-se em busca de informações precisas com embasamento teórico do que se quer pesquisar” (ALUNA D).

Destaco como última categoria, olhar algo de forma diferente, criando e recriando-o como aborda a estudante: “Ser pesquisador é você olhar algo que todo mundo já viu de uma maneira diferente, sendo capaz de criar e recriar tudo o que diretamente faz parte da sua vida” (ALUNA S).

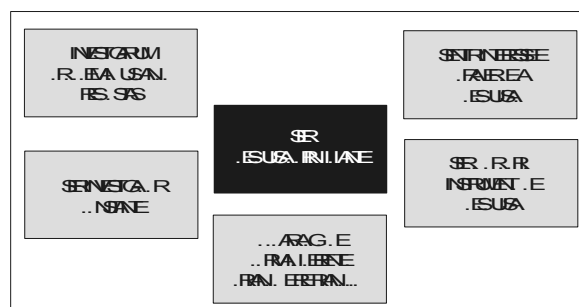


Figura1 – Ser pesquisador-iniciante na percepção dos alunos de Pedagogia da FFPP, em 2003.

Sentir-se/ tornar-se um pesquisador-iniciante

Pareceu-me viável organizar essa temática em cinco eixos (ver Figura 2), sendo o primeiro a universidade favorece esse sentir, através de situações como elaboração de projeto e monografia, além da participação em núcleo de pesquisa, tudo isso possível ao professor e ao aluno, representada no discurso: “Atualmente sinto-me uma pesquisadora (pequena) mas acredito que no momento em que se está fazendo um projeto, uma monografia somos pesquisadores, pois estamos lendo, nos informando ...” (ALUNA A).

Um outro eixo é quando se busca algo (o conhecimento), fazendo novas descobertas, vivencia-se o sentir/tornar pesquisador, mesmo frente às dificuldades: “Estamos sempre em busca de algo, querendo saber mais sobre determinadas coisas e isso não deixa de ser uma pesquisa. O que me falta é mais determinação para que consiga ir até o final da pesquisa sem me deixar abater por coisas insignificantes” (ALUNA T).

Um terceiro eixo foi notado quando se afirmou que se sente um pouco pesquisador, com experiências iniciais, precisando de um trabalho interno. Demonstrou que fatores internos têm perturbado esse desenvolvimento, consciente da necessidade de ir além: “Pessoalmente acho-me um pouco pesquisadora, pois ainda acomodo-me em descobrir algo por conta mesmo das dificuldades, porém, estou trabalhando isso dentro de mim, buscando novas leituras para uma melhor compreensão daquilo que interessa-me com a finalidade de tornar-me quem sabe num futuro próximo uma grande investigadora” (ALUNA V).

Sentir comprometida na realização de um trabalho útil ao campo profissional constitui o quarto eixo, entrelaçado na fala da aluna: “Eu me sinto comprometida em realizar um trabalho com seriedade, que ã se configure mera formalidade para obtenção de nota, mas que antes de tudo sirva para realização pessoal” (ALUNA E).

Um último eixo apresentado foi o de não se sentir pesquisador porque não tem buscado, devido à falta de tempo e de condições financeiras, retratada na fala, apesar de não descartar essa possibilidade: “Ainda não, não tenho buscado” (ALUNA J). Quando está aprendendo a ser pesquisador, o estudante sente um estímulo que desencadeia um aprender contínuo: “Me sinto estimulada a aprender cada vez mais a aprender, a ler a estudar, aprender novos conhecimentos” (ALUNA E).

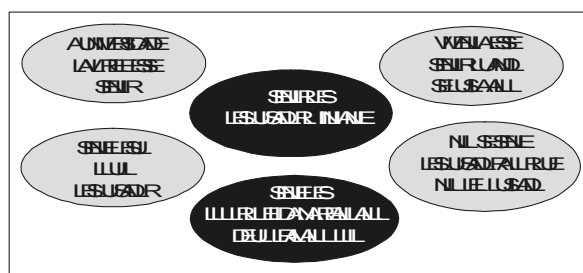


Figura 2 – Sentir-se pesquisador-iniciante na percepção dos estudantes de Pedagogia da FFPP, em 2003.

SOU/ESTOU PESQUISADORA?

Busquei conhecer-me durante essa experiência de me sentir pesquisadora, refletindo a minha história profissional cruzada com a minha história de vida. Os alunos foram (e são) elementos essenciais nesse conhecer. Nesse novo aprender, desconstruí a minha prática, novas posturas foram despontadas; vi nascer uma interação entre a dimensão pessoal e profissional. (A maneira como ensino está associada ao que sou como pessoa.) O educando, também, sente carência do conhecimento de si próprio, necessário para a sua formação.

Como qualquer ser humano pesquisador, principalmente iniciante, senti angústia, dificuldades e, também, motivação na produção

da dissertação. Tive medo de não dar conta dela, porém, quando produzi o trabalho, senti gratidão pelo que consegui. A solidão me perturbou, assustou-me; inúmeras vezes, recorri ao orientador, aos professores e colegas do mestrado e da FFPP. Esses sentimentos, meus e das alunas, levaram-me a construir uma poesia, expressando a dor do pesquisador.

O /A PESQUISA-DOR²

Dor, que dor é essa que atormenta o pesquisador?

Medo, angústia, tristeza....

Falta tempo para ler, produzir, se envolver.

Surge a dificuldade de concentração, a família fala mais alto.

Dor pela necessidade de falar, desabafar.

Dor pela insegurança, faltam estímulos...

Deus vem amenizar a dor, orações!

Acomodação ou correr riscos?

Riscos de sentir a dor ou a dor da acomodação?

Há momentos que não se sabe o que é sentir,

Pois as sensações levam às dúvidas.

Ansiedade, monografia e formatura.

A dor pelas desagradáveis condições financeiras... Problemas conjugais...

Dificuldade de escrever, medo de errar, de reconstruir.

Choros, lágrimas de dor, da dor de ser pesquisador!

INQUIETAÇÕES FINAIS

Chegou o momento de compartilharmos, leitor, as reflexões que finalizam esse trabalho, numa busca que não se esgota nem aqui, nem hoje e se prolongará naqueles que fazem do seu exercício profissional um desejo infinito. Foi um tempo de construção e reconstrução da minha vida enquanto SER. Um tempo que me permitiu viver, sonhar, experimentar momentos de crescimento pessoal, resgatando uma relação e aprendizagem significativa que estavam adormecidas no meu mundo. Toda a ansiedade do começar foi transformada pela felicidade do produzir e do projetar novos sonhos, através das marcas que profundamente me modificaram.

²A abordagem fenomenológica permite a escrita poética, razão do título que expressa a pesquisa e a dor do pesquisador.

AMATUZI, Mauro Martins. O resgate da fala autêntica: filosofia da psicoterapia da educação. Campinas, SP: Papirus, 1989.

ARRIVABENI, Marcela; ALMEIDA, Mariângela Lima de; AGUIAR, Romilda Nascimento. Abordagem Centrada na Pessoa: contribuições de Carl Rogers para a Educação. In: Pró-discente: Caderno de Produções Acadêmico-científicas do Programa de Pós-Graduação em Educação. v. 8, n. 1-2, p. 125-139, jan./dez. 2002.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Fenomenologia: confrontos e avanços. São Paulo: Cortez, 2000.

DEMO, Pedro. Pesquisa – princípio científico e educativo. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

DOXSEY, Jaime Roy. A sala de aula universitária como comunidade de aprendizagem e contexto psicossociológico para mudança. Trabalho apresentado ao “curso avançado na Abordagem Centrada na Pessoa”, Salisópolis, SP, fev. 1985, na terceira etapa do curso; e no seminário de pesquisa em educação, UNICAMP, Campinas, nov. 1985.

ESTEBAN, Teresa e ZACCUR, Edwiges. A pesquisa como eixo de formação docente. In: _____ (Org.). Professora-pesquisadora – uma práxis em construção. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 11-24. (Coleção: O sentido da escola)

FINI, Maria Inês. Sobre a Pesquisa Qualitativa em educação, que tem a Fenomenologia como suporte. In.: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPOSITO, Vitória Helena Cunha. Pesquisa qualitativa em educação. Piracicaba, SP: Unimep, 1994. p. 23-33.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. Psicologia Fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa. São Paulo: Pioneira, 1993.

LÜDKE, Menga. A pesquisa e o professor da escola básica: que pesquisa, que professor?

LINHARES, Célia Frazão et al. Ensinar e aprender: sujeitos saberes e pesquisa. 2. ed. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE). Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.101-114.

ROGERS, Carl Ranson. Liberdade para aprender. Belo Horizonte/MG: Interlivros, 1975.

_____. Tornar-se pessoa. Tradução de Manuel José do Carmo Ferreira. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

_____. Um jeito de ser. Tradução de Maria Cristina Machado Kupfer, Heloísa Lebrão, Yone Souza Patto; revisão da tradução de Maria Helena Souza Patto. São Paulo: EPU, 1983.

ROSENBERG, Rachel Lea (Coord.). Vivência acadêmica: o enfoque centrado na pessoa. Cadernos USP, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 2. mar. 1987.